

Quadrinhos no Brasil¹

Gustavo Henrique SAMPAIO²

Jorge André Ferreira de MENEZES³

Márcio Leonardo MONTEIRO⁴

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

RESUMO

Este projeto trata da experiência em se produzir reportagens jornalísticas utilizando como suporte as histórias em quadrinhos. Através de uma contextualização histórica acerca da evolução do jornalismo e das HQs, o trabalho reúne informações que atestam a legitimidade dessa linguagem híbrida, que faz uso das três matrizes de linguagem inerentes ao ser humano. Além disso, o resultado final é um produto que ratifica a validade do estilo, sendo apresentada uma reportagem totalmente construída no formato quadrinístico. Ainda que existam descrenças em relação à credibilidade dessa nova linguagem, este trabalho busca apresentar um ponto de partida para que os estudos desse novo suporte midiático não venham a se tornar infrutíferos.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros jornalísticos, História em quadrinhos, jornalismo em quadrinhos.

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo é um campo de conhecimento muito amplo e possui uma extensa gama de possibilidades que podem ser seguidas. Várias experiências jornalísticas vêm se desenvolvendo com o intuito de dinamizar a atividade, torná-la mais criativa, numa alternativa ao modelo tradicional de produção, que tem como base os esquemas de Pirâmide Invertida, lead, entre outros. Outro motivo para esse crescimento encontra-se na busca de estratégias para atrair novos leitores, uma vez que o consumo do modelo impresso vem sofrendo uma severa crise nas últimas décadas.

Uma dessas novas tendências ainda pouco conhecida é o Jornalismo em Quadrinhos (JQ), modelo relativamente recente de produção. Tomando como base a liberdade de criação presente no Jornalismo Literário e a afinidade dos leitores com as tirinhas de

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria PT 08 Histórias em Quadrinhos (avulso).

² Estudante do 6º Semestre do Curso de Comunicação Social, Habilitação Rádio e TV, email: gustavohsm1@hotmail.com.

³ Aluno líder do grupo e recém-formado no Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, email: jorgeandre42@gmail.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, email: themarcmont@hotmail.com.

jornais, ele preza pela convergência de reportagens jornalísticas em histórias em quadrinhos, alegando preservar a integridade e seguir os requisitos básicos de noticiabilidade característicos do jornalismo tradicional. Os autores representantes desse estilo são poucos, apesar do crescente aumento de produção, oriundos da França e Estados Unidos.

Partindo da evolução desse estilo observada desde o fim dos anos 90 até os dias de hoje, o objetivo deste trabalho é apresentar uma experiência de Jornalismo em Quadrinhos, acreditando se tratar de uma alternativa legítima e inovadora de produção. Para tanto, faz-se uso da narrativa quadrinística e jornalística, revelando a sua aplicação orientada pelos próprios recursos que a linguagem apresenta, como o emprego de figuras de linguagem visuais e metáforas.

2 OBJETIVO

O produto consiste em uma narrativa jornalística, intitulada “Quadrinhos no Brasil”, e registra, através de desenhos, acerca dos primeiros relatos históricos das histórias em quadrinhos em terras brasileiras, inaugurados pelo italiano Ângelo Agostini, em 1897, até o século XXI, caracterizado pela modernização e ressignificação da produção das HQs. Tem por intuito contribuir, tanto para o desenvolvimento do quadrinho brasileiro quanto para a evolução das discussões a respeito do Jornalismo em Quadrinhos, uma vez que a produção do conteúdo acadêmico a respeito do estilo seja bem escassa. Tendo isso em vista, produzimos todo o roteiro e desenhos, baseados em pesquisas relacionadas ao tema.

A narrativa é apresentada como uma típica história em quadrinhos, seguindo uma cronologia, caracterizada pela ordem ocidental de leitura. Trata a respeito de um garoto apreciador de HQs que passa o tempo na banca lendo suas histórias preferidas. No momento da trama apresentada, o menino chegou a uma página que conta a história dos quadrinhos no Brasil feita sob os próprios recursos da linguagem, e então começa a desfrutá-la. Logo após essa introdução, o leitor embarca na aventura como se fosse o próprio garoto, percebendo pela sua visão os quadrinhos da revista que está em suas mãos. A partir daí, a narrativa pretende viajar pelos principais momentos da história dos quadrinhos brasileiros, até os dias atuais, marcados pela evolução da tecnologia e produção.

3 JUSTIFICATIVA

Acredita-se que este trabalho, desenvolvido pode ser uma contribuição prática para o recente campo do jornalismo em quadrinhos, demonstrando a pertinência e a legitimidade desse modelo para o jornalismo contemporâneo. Devido à recente natureza do estilo, é natural que ainda não haja um grande número de material acadêmico a seu respeito. Portanto, o trabalho inclui-se, também, no quesito de contribuir para a divulgação do produto pesquisado.

Utilizando as possibilidades do desenho para desenvolver as reportagens de maneira híbrida, o jornalismo em quadrinhos está contribuindo para abrir outras formas de expressão e narrativas para os jornalistas trabalharem as informações.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para dar início ao estudo sobre essa nova linguagem, se faz necessário um breve levantamento histórico acerca tanto do jornalismo quanto das histórias em quadrinhos, afim de que possamos perceber e compreender o momento em que ambas as linguagens puderam se incorporar.

Remetendo ao jornalismo, um dos mais importantes momentos de sua história foi o advento do lead, que permitia aos jornalistas a construção das notícias a partir de um primeiro parágrafo, onde o leitor teria acesso às informações básicas do tema através da resolução de seis perguntas: “o quê?”, “quem?”, “quando?”, “onde?”, “como?” e “por quê?”. Sua origem remete ao começo do século XX, período em que a notícia jornalística passou a ser encarada como mercadoria e a sua organização nos jornais impressos passaram a seguir uma hierarquização mercadológica. Ou seja, o espaço impresso era algo muito valioso para quem financiava uma empresa jornalística e, por isso, deveria ser usado da melhor maneira possível. Assim um novo modelo que atendesse às diretivas econômicas e temporais do mercado seria elaborado para encurtar e racionalizar as notícias (SODRÉ, 1996, p. 143).

A principal vantagem da imprensa escrita era a liberdade e o espaço para a construção de notícias mais completas e com detalhes mais específicos. O gênero reportagem era um modelo capaz de construir uma ligação entre os fatos e de oferecer uma compreensão mais aprofundada de seus elementos dentro da realidade contemporânea

(SILVA e GUIMARÃES, 2003, p.19). Com uma proposta diferente do lead, que “engessava” e “automatizava” o texto, a reportagem permitia uma ousadia e liberdade maior por parte dos repórteres, que não se limitavam apenas a responder às seis perguntas essenciais dos fatos.

Essa narrativa mais elaborada do fato possibilitou o desenvolvimento de uma relação mais íntima entre o jornalismo e a literatura. Dessa relação desenvolveu-se, na década de 60, uma nova corrente jornalística, denominada de new journalism ou novo jornalismo, cuja principal característica é misturar a narrativa jornalística com técnicas literárias. Encabeçado por Tom Wolfe, este tipo de jornalismo abriu as portas para a experimentação dentro do jornalismo, quebrando a padronização do lead nos noticiários impressos, e possibilitando a incorporação de elementos como metáforas, figuras de retórica e focos narrativos alternados nas notícias, porém sem nunca se esquecer da verificação rigorosa dos fatos e a documentação sólida dos acontecimentos. Como explica Gay Talese, citado por Czarnobai (2003):

O novo jornalismo, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico, como a mais exata das reportagens, buscando embora uma verdade mais ampla que a possível através da mera compilação de fatos comprováveis, o uso de citações, a adesão ao rígido estilo mais antigo. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o escritor se intrometa na narrativa se o desejar, conforme acontece com frequência, ou que assuma o papel de observador imparcial, como fazem outros, eu inclusive. (TALESE apud CZARNOBAI, 2003, s. p.).

Referindo-se ao universo dos quadrinhos, é possível fazer um levantamento histórico do mesmo, começando a partir da existência dos desenhos. Se levarmos em conta que as histórias contadas em arte sequencial partem da necessidade que o ser humano tem em narrar situações do cotidiano e experiências de vida, podemos dizer, portanto, que as HQs tiveram sua origem há milênios, com as inscrições nas paredes das cavernas. Ao longo dos séculos, a tentativa de expressar uma espécie de progressão temporal e de movimentação pode ser vista em diversas manifestações similares – como, por exemplo, imagens pictóricas pré-colombianas, mosaicos, afrescos, tapeçarias e diversos outros suportes. Embora essa forma de expressão tenha evoluído em primeiro lugar para a escrita, foi após a fusão desta com gravuras e imagens dotadas de sentido que o conhecimento pôde ser difundido com mais facilidade.

Mas afinal o que são histórias em quadrinhos? O aclamado quadrinista Will Eisner definiu-as como arte sequencial (EISNER, 1999, p.122). Já Scott McCloud, outro importante quadrinista e teórico dos quadrinhos, procurou ser mais específico nesse assunto, e definiu um conceito mais aprofundado: “Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador” (MCCLLOUD, 1995, p. 9).

O quadrinho nasceu no jornal. Lá pela primeira metade do século XIX, os jornais procuravam destacar suas principais notícias por meio da inserção de gravuras. Há muita controvérsia ao tentar creditar as primeiras histórias em quadrinhos que se tem notícia. Alguns autores creditam a história *The Yellow Kid* (1897), de Richard Outcault, por sua iniciativa de acrescentar balões de fala aos personagens. Outros creditam as ilustrações do francês Jean-Charles Pellerin e até mesmo Ângelo Agostini, italiano responsável por trazer os quadrinhos ao Brasil.

No Brasil, as histórias de arte sequencial começaram a ser publicadas no século XIX, adotando um estilo satírico conhecido como cartuns, charges ou caricaturas e que depois se estabeleceria com as populares tiras. A edição de revistas próprias de histórias em quadrinhos no país começou no início do século XX. No entanto, a influência estrangeira sempre foi muito predominante nessa área, com o mercado editorial sendo dominado pelas publicações de quadrinhos americanos, europeus e japoneses.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O JQ apresenta uma série de peculiaridades na propagação do conhecimento e informação. Por ser construído a partir do hibridismo de outras linguagens, apresenta vantagens de todas elas e expande, tanto a liberdade criativa do autor ao elaborar suas histórias, quanto a experiência e intimidade do leitor ao vivenciá-las.

A união dessas linguagens força uma particularização da expressão nos quadrinhos, tornando-os meios ainda mais vantajosos de serem utilizados como suporte de narrativas jornalísticas. Uma vez que o hibridismo é utilizado como uma forma de aumentar as interpretações sobre determinado acontecimento, o jornalismo em quadrinhos pode oferecer um volume maior de informações e um aprofundamento dos fatos relatados, com a vantagem de trabalhar

duas linguagens distintas e de maneira simultânea. O que o texto não aponta, o desenho complementa. Não há uma necessidade de repetir na linguagem escrita o que foi representado no desenho. Com isso, a narrativa ganha agilidade sem omitir uma construção detalhada das cenas ou informações relevantes. (SILVA; GUIMARÃES, 2003).

6 CONCLUSÃO

Não é uma questão de transformar tudo em quadrinho, pois, como podemos ver, existem desvantagens no gênero, assim como em qualquer outro: o equilíbrio da objetividade é muito mais tênue, o tempo de produção das reportagens precisa ser muito maior e os quadrinhos ainda enfrentam bastante pré-conceito por uma grande parcela do público – ainda acham que é coisa de criança.

A questão é sim oferecer possibilidades de encaixar determinadas temáticas em seus respectivos suportes. Assim como a TV, o rádio e a web possuem reportagens exclusivas, os quadrinhos também têm o que oferecer. O que o estilo – apesar de ser defendido por muitos autores como gênero jornalístico – necessita é de um espaço maior de discussões no meio acadêmico. E mais profissionais dispostos a arriscar a sua utilização. As iniciativas estão aumentando, mas, talvez, o problema resida ainda na falta de noção definida de sua produção e por conta do pré-conceito que sofre pelos estereótipos relacionados ao seu meio de suporte.

As possibilidades de se fazer reportagens em quadrinhos são enormes. As duas linguagens possuem vários elementos em comum e não perdem em qualidade quando convergidas. Por ser uma técnica relativamente nova, é possível que o JQ se desenvolva cada vez mais nos próximos anos. Por essa razão, fazem-se absolutamente necessárias observações e análises mais fortes na área, para que a difusão desses conhecimentos atinja cada vez mais estudantes, profissionais e o público consumidor, que só tem a ganhar com isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CZARNOBAI, André Felipe Pontes. Gonzo: o filho bastardo do Novo Jornalismo. Monografia. Disponível em: <<http://qualquer.org/gonzo/monogonzo/monogonzo03.html>>. Acesso em 22/12/2013.

EISNER, Will. *Quadrinhos e a Arte Sequencial*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1999.

MCCLLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: Makron Books, 1995.

SILVA, Fabiano Messias; GUIMARÃES, Rafael Baldo. *Jornalismo em Quadrinhos: Uma análise do uso da nona arte como suporte para a narrativa jornalística*. Monografia. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a Cultura – A Comunicação e seus produtos*. 4ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.